



## EDITORIAL

O segundo número da revista de Geografia Mutirão -Folhetim de Geografias Agrárias do Sul, vem a público no momento em que a humanidade se depara com a realização do caráter destrutivo da reprodução social do capitalismo na forma de uma pandemia, deixando transparecer com nitidez as contradições latentes de uma sociedade desigual, racista e patriarcal. As aceleradas mudanças nas formas de regulação do trabalho, a intensificação da destruição da natureza como horizonte de concentração de riqueza e o escalada da fragilização da vida humana obedecendo aos critérios da composição da Geografia Histórica do poder do capitalismo, demonstram a realização desse sistema-mundo como um completo e ininterrupto estado de exceção.

Nesta conjuntura, esta edição apresentará trabalhos avaliados e recomendados à publicação pela comissão científica do IX Simpósio Internacional e X Simpósio Nacional de Geografia Agrária (SINGA). Assim, estão organizados neste dossiê: *Para além das cercas que nos cegam: as naturezas das r-existências no campo na América Latina*, 17 artigos. Estes são resultantes de pesquisas engajadas em contextos de significativo crescimento de violência e criminalização, por parte do Estado brasileiro, das comunidades agrárias que estão à frente na luta contra o agronegócio e pela defesa do território de vida. Vale ressaltar que este agronegócio é consorciado com agrotóxicos que investem intensivamente na propaganda e marketing e vendem *commodities* como se fossem alimentos, mas, ao contrário de trazer a nutrição e a saciedade, só agravam estruturalmente a problemática da escassez e da fome devido aos monocultivos da soja, da cana-de-açúcar, do café, do eucalipto e de tantos outros.

O SINGA foi realizado na cidade do Recife, em Pernambuco, Brasil, no período de 11 a 15 de novembro de 2019, construído pelo Laboratório de Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato – LEPEC, em parceria com organizações e movimentos sociais como: Comissão Pastoral da Terra – CPT, Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Pernambuco – FETAPE, MPA, Fundação Perseu Abramo, SPM, CIMI, MST, ABRA, AGB, Fundação Lauro Campos e Marielle Franco entre outros. Nele, estiveram presentes mulheres e homens de toda América Latina dispostos a tratarem e apontarem a centralidade basicamente de dois paradigmas: A) o usufruto da natureza para a reprodução da vida; B) sua destruição e financeirização como forma ampliada de transformação e acumulação de mercadorias.

Os cerca de 1.400 participantes do Simpósio trouxeram reflexões em forma de homenagens, oficinas, grupos de trabalho, feira agroecológica, trabalhos de campo, espaços de articulação, protesto de rua, mesas redondas e plenárias. Dessa maneira, foram encaminhadas na plenária final do evento propostas concretas<sup>1</sup> advindas de experiências, estudos e frutos da militância cotidiana vivenciadas nas comunidades, bem como assentamentos, organizações e movimentos sociais e instituições de atuação.

Nesta edição também foram abordadas questões fundamentais que compreendem as

---

<sup>1</sup> Vide a carta final do IX SINGA disponível no Blog do evento: <http://singa19.wordpress.com/>

contradições do mundo camponês, cuja organização se estabelece em cinco eixos temáticos, a saber: 1) Estrutura fundiária; 2) Reforma Agrária, autonomia e resistência; 3) Campesinato negro, memória, religiosidade, educação popular; 4) Água e grandes obras.

No primeiro eixo, temos os trabalhos de alguns autores, como o de Estrada & Quesada, que ressalta o uso das geotecnologias no monitoramento do território e do problema da seca na Argentina. Bem como Mardegan & Baccarin, cujo pensamento alerta para a expansão da cana-de-açúcar no interior paulista e aumento da concentração da estrutura fundiária nos últimos quinze anos. Do mesmo modo, trazemos Jesus & Santos, os quais analisam os processos no oeste baiano que permitiram a reconfiguração da estrutura fundiária causadas pela implantação de uma moderna agricultura com características conservadora.

No eixo que diz respeito à Reforma Agrária, abordamos o trabalho de Cabral que analisa a política de Reforma Agrária no Brasil durante o governo Dilma Rousseff. Na sequência, Santos & Pereira discutem as várias frentes de atuação do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Enquanto isso, Brito & Silva aprofundam a reforma agrária de mercado no Cariri cearense; e Amador traz para o primeiro plano a necessidade de compreensão dos processos de autonomia territorial e as práticas de resistências; similarmente a Santos et al., que analisam a resistência enquanto persistência camponesa.

Já no terceiro eixo, discutimos a temática do campesinato negro e seu envolvimento e percurso de reconhecimento de formas e ocupação comunitária de terras, levantada por Aguiar et al.. Vemos também como Nascimento et al. apresentam um interessante estudo sobre a articulação entre os movimentos sociais, camponeses e a Igreja católica na denúncia do modelo do agronegócio. Ao passo que Sousa et al. sinaliza no âmbito de compreender os elementos e especificidades que correspondem a territorialização camponesa na Amazônia. Por sua vez, Lima & Santos provoca no leitor uma reflexão acerca da Educação Popular como meio para a transformação da realidade agrária brasileira. Assim como os anteriores, Rossito et. al. resgatam, através da agroecologia, a memória coletiva para desenvolver uma ciência popular engajada; à medida que Simonetti & Harley retomam o pensamento e chamam a atenção para a contribuição relevante e atualidade de Josué de Castro e Francisco Julião; Françozi levanta a memória de Trombas e Formoso e seu legado para a história da luta pela terra em Goiás.

Por último, ressaltamos, no quarto eixo, a preocupação de Souza com a geração dos conflitos socioterritoriais causados por empreendimentos hidroelétricos na Amazônia; e de Calisto (ano) com o grave tema da privatização da água através da companhia Águas e Esgotos S/A (AGESPISA) do estado do Piauí. Esses quatro eixos são de extrema importância para a compreensão de questões aqui abordadas.

Esperamos que este precioso material possa, de forma sinalizadora, trazer mais elementos e possibilidades para o histórico enfrentamento do problema agrário e da forma concentrada do uso dos bens da natureza.

#### *Os editores*

Anderson Camargo Rodrigues Brito

Alexandre Chaves Bezerra

Claudio Ubiratan Gonçalves

Thiago Henrique Araújo Silva